

Um incidente agora me ocorre, não muito concertado com o seguimento da história, mas a propósito vindo para demonstrar uma face da índole do ex-corregedor de Viseu, já então exonerado do cargo.

Sabido é que Manuel Botelho, o primogénito, voltando a freqüentar matemáticas em Coimbra, fugira dali para Espanha com uma dama desleal a seu marido, estudante açoriano que cursava medicina.

Um ano demorara na Corunha Manuel Botelho com a fugitiva, alimentando-se dos recursos que sua mãe, extremosa por ele, lhe remetia, vendendo a pouco e pouco as suas jóias, e privando as filhas dos adornos próprios dos anos e da qualidade.

Secaram-se estas fontes e não restavam outras. D. Rita disse afinal ao filho que deixara de socorrer Simão por não ter meios; e agora das escassas economias que fazia nada podia enviar-lhe, porque estava em obrigação de pagar os alimentos de Simão à pessoa que por compaixão lhos dera em Viseu, e lhos estava dando no Porto. Ajuntava ela, para consolação do filho, que viesse ele para Vila Real, e trouxesse consigo a infeliz senhora; que fosse ele para casa, e a deixasse a ela numa estalagem até se lhe arranjar habitação; que o ensejo era oportuno por estar na quinta de Montezelos o pai, quase divorciado da família.

Voltou pelo Minho Manuel Botelho, e chegou com a dama ao Porto, quinze dias depois que Simão entrara no cárcere.

Já noutro ponto deixámos dito que nunca os dois irmãos se deram, nem estimaram; mas o infortúnio de Simão remia as culpas do génio fatal que o orfanara de pai e mãe, e só da irmã Rita lhe deixara uma lembrança saudosa.

Foi Manuel à cadeia, e, abrindo os braços ao irmão, teve um glacial acolhimento.

Perguntou-lhe Manuel a história do seu desastre.

– Consta do processo – respondeu Simão.

– E tem o mano esperanças de liberdade? – replicou Manuel.

– Não penso nisso.

– Eu pouco posso oferecer-lhe, porque vou para casa forçado pela falta de recursos; mas, se precisa de roupa, repartirei consigo da minha.

– Não preciso nada. Esmolas só as recebo daquela mulher.

Já Manuel tinha reparado em Mariana, e da beleza da moça inferira para formar falsos juízos.

– E quem é esta menina? – tornou Manuel.

– É um anjo... Não lhe sei dizer mais nada.

Mariana sorriu-se, e disse:

– Sou uma criada do senhor Simão e de vossa senhoria.

– É cá do Porto?

– Não, meu senhor, sou dos arrabaldes de Viseu.

– E tem feito sempre companhia a meu mano?

Simão atalhou assim à resposta balbuciante de Mariana:

– A sua curiosidade incomoda-me, mano Manuel.

– Cuidei que não era ofensiva – replicou o outro, tomando o chapéu. – Quer alguma coisa para a mãe?

– Nada.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Estando Manuel Botelho, na tarde desse dia, fechando as malas para seguir jornada para Vila Real, foi visitado pelo desembargador Mourão Mosqueira e pelo corregedor do crime.

– Devemos à espionagem da polícia – disse o corregedor – a novidade de estar nesta estalagem um filho do meu antigo amigo, discípulo e colega Domingos Correia Botelho. Aqui vimos dar-- lhe um abraço e oferecer o nosso préstimo. Esta senhora é sua esposa? – continuou o magistrado, reparando na açoriana.

– Não é minha esposa... – balbuciou Manuel – é... minha irmã.

– Sua irmã... – disse Mosqueira – qual das três? Há cinco anos que as vi em Viseu, e grande mudança fez esta senhora, que não me recordo das suas feições absolutamente coisa nenhuma. É a senhora D. Ana Amália?

– Justamente – disse Manuel.

– Bela lhe afirmo eu que está, minha senhora; mas fez-se um rosto muito outro do que era!...

– Vieram ver o infeliz Simão? – atalhou o corregedor.

– Sim, senhor... viemos ver meu pobre irmão.

– Foi um raio que caiu na família aquele rapaz!... – ajuntou Mosqueira. – Mas pode estar na certeza que a sentença não se executa; diga a sua mãe que mo ouviu da minha boca. O meu tribunal está preparado para lhe minorar a pena em dez anos de degredo para a Índia, e seu pai, segundo me disse na passagem para Vila Real, já preparou as coisas na Suplicação e no Desembargo do Paço, não obstante o morto lá ter parentes poderosos nas duas instâncias. Quiséramos absolvê-lo e restituí-lo à sua família; mas tanto é impossível. Simão matou e confessa soberbamente que matou. Não consente mesmo que se diga que em defesa o fez. É um doido desgraçado com sentimentos nobilíssimos! Chovem cartas de empenho a favor do Albuquerque. Pedem a cabeça do pobre rapaz com uma sem-cerimónia que indigna o ânimo.

– E essa menina que foi a causa da desgraça? – perguntou Manuel.

– Isso é uma heroína! – respondeu o corregedor do crime. – Davam-na já por morta quando Simão chegou aqui. Desde que soube das probabilidades da comutação da pena, deu um pontapé na morte, e está salva, segundo me disse o médico.

– Conhece-a muito bem, minha senhora? – disse o desembargador à dama, suposta irmã de Manuel.

– Muito bem – respondeu ela, relanceando os olhos ao amante.

– Dizem que é formosíssima!

– Decerto – acudiu Manuel – é formosíssima!

– Muito bem – disse o corregedor, erguendo-se. – Leve este abraço ao pai, e diga-lhe que o discípulo cá está, leal e dedicado como sempre. Eu tenho de lhe escrever brevemente.

– E outro abraço a sua virtuosa mãe – acrescentou o desembargador.

– Vou desconfiado! – disse o Mosqueira ao colega. – Manuel Botelho tinha, há coisa de um ano, fugido para Espanha com uma senhora casada. Aquela mulher que vimos não é irmã dele.

– Pois, se nos mentiu, é patife, por nos obrigar a cortejar uma concubina!... Eu me informarei... – disse o corregedor, ofendido no seu austero pundonor. E no próximo correio, escrevendo a Domingos Botelho, dizia no período final: «Tive o gosto de conhecer o teu filho Manuel, e uma de tuas filhas; por ele te mandei um abraço, e por ela te mandaria outro, se fosse moda ensinarem velhos a meninas bonitas como se dão os abraços nos pais.»

Estava já Manuel em casa, e cuidava em trastejar uma modesta casa para a açoriana, auxiliado por sua bondosa e indulgente mãe. Domingos Botelho fora informado da vinda, e dissera que não queria ver o filho, avisando-o de que era considerado desertor de cavalaria seis desde que abandonara os estudos, onde estava com licença.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Recebeu depois a carta do corregedor do crime, e mandou imediata e secretamente devassar se em Vila Real estava a senhora que indicava a carta. A espionagem deu-a como certa na estalagem, enquanto Manuel Botelho cuidava nos adornos de uma casa. Escreveu o magistrado ao juiz de fora, e este mandou chamar à sua presença a mulher suspeita e ouviu dela a sua história, sincera e lacrimosamente contada. Condoeu-se o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações. Domingos Botelho foi a Vila Real, e hospedou-se em casa do juiz de fora, onde a senhora foi novamente chamada, sendo que ao mesmo tempo o general da província lavrava ordem de prisão para o cadete desertor de cavalaria de Bragança.

A açoriana, em vez do juiz, encontrou um feio homem, de carrancuda sombra, e aparências de intenções sinistras.

– Eu sou pai de Manuel – disse Domingos Botelho. – Sei a história da senhora. O infame é ele. Vossa senhoria é a vítima. O castigo da senhora principiou desde o momento em que a sua consciência lhe disse que praticou uma acção indigna. Se a consciência lho não disse ainda, ela lho dirá. Onde é?

– Da ilha do Faial – respondeu trémula a dama.

– Tem família?

– Tenho mãe e irmãs.

– Sua mãe aceitá-la-ia, se a senhora lhe pedisse abrigo?

– Creio que sim.

– Sabe que Manuel é um desertor, que a estas horas está preso ou fugitivo?

– Não sabia...

– Quer isto dizer que a senhora não tem protecção de alguém...

A pobre mulher soluçava, abafada por ânsias, e debulhada em lágrimas.

– Porque não vai para sua mãe?

– Não tenho recursos alguns – respondeu ela.

– Quer partir hoje mesmo? À porta da estalagem, daqui a pouco, encontrará uma liteira e uma criada para acompanhá-la até ao Porto. Lá entregará uma carta. A pessoa a quem escrevo lhe cuidará da passagem para Lisboa. Em Lisboa outra pessoa a levará a bordo da primeira embarcação que sair para os Açores. Estamos combinados? Aceita?

– E beijo as mãos de vossa senhoria... Uma desgraçada como eu não podia esperar tanta caridade.

Poucas horas depois, a esposa do médico...

– Que tinha morrido de paixão e vergonha, talvez! – exclama uma leitora sensível.

– Não, minha senhora; o estudante continuava nesse ano a freqüentar a Universidade; e como tinha já vasta instrução em patologia, poupou-se à morte da vergonha, que é uma morte inventada pelo visconde de A. Garrett no *Fr. Luís de Sousa*, e à morte da paixão, que é outra morte inventada pelos namorados nas cartas despeitosas, e que não pega nos maridos a quem o século dotou de uns longes de filosofia, filosofia grega ou romana, porque bem sabem que os filósofos da antiguidade davam por mimo as mulheres aos seus amigos, quando os seus amigos por favor lhas não tiravam. E esta filosofia hoje então... (6)

Pois o médico não morreu, nem sequer desmedrou ou levou *R* significativo de preocupação do ânimo, insensível às amenidades da terapêutica.

A esposa, inquestionavelmente muito mais alquebrada e valetudinária que seu esposo, lavada em pranto, morta de saudades, sem futuro, sem esperanças, sem voz humana que a consolasse, entrou na liteira, e chegou ao Porto, onde procurou o corregedor do crime para entregar-lhe uma carta do doutor Domingos Botelho. Um período desta carta dizia assim:

«Deste-me notícia duma filha que eu não conhecia, nem reconheço. A mãe desta senhora está no Faial, para onde ela vai. Cuida tu, ou manda cuidar, no seu transporte para Lisboa, e encarrega ali alguém de correr com a passagem dela para os Açores no primeiro navio. A mim me darás contas das despesas. Meu filho Manuel teve ao menos a virtude de não matar ninguém para se constituir amante. Do modo como correm os tempos, muito virtuoso é o rapaz que não mata o marido da mulher que ama. Vê se consegues do general, que está aí, perdão para o rapaz que é desertor de cavalaria seis, e me consta que está escondido em casa de um parente. Enquanto a Simão, creio que não é possível salvá-lo do degredo temporário... É uma lança em África livrá-lo da forca. Em Lisboa movem-se grandes potências contra o desgraçado, e eu estou mal-visto do intendente-geral por abandonar o lugar..., etc.»

Partiu para Lisboa a açoriana, e dali para a sua terra, e para o abrigo de sua mãe, que a julgara morta, e lhe deu anos de vida, se não ditosa, sossegada e desiludida de quimeras.

Manuel Botelho, obtido o perdão pela preponderância do corregedor do crime, mudou de regimento para Lisboa, e aí permaneceu até que, falecido seu pai, pediu a baixa e voltou à província.

(6) «Hoje então!...» Vou-lhes contar um lance memorando de um filósofo da actualidade, lance único pelo qual eu fiquei conhecendo a pessoa. Hoje (21 de Setembro de 1861) estava eu no escritório do ilustre advogado Joaquim Marcelino de Matos, e um cliente entrou, contando o seguinte: – «Senhor doutor, eu sou um lojista da rua de***; e fui roubado em oitocentos mil réis por minha mulher, que fugiu com um amante para Viana. Venho saber se posso querelar, e receber o meu dinheiro.» – Pode querelar, respondeu o advogado, se tiver testemunhas. O senhor quer querelar por adultério? – Responde o queixoso: «O que eu quero é o meu dinheiro.» – Mas, redargui o consultor, o senhor pode querelar de ambos, dela como adúltera, e dele como receptor do furto. – «E receberei o meu dinheiro?» – Conforme. Eu sei cá se ele tem o seu dinheiro?! O que sei é que não pode pronunciar-lá a ela como ladra. – «Mas os meus oitocentos mil réis?!» – Ah! o senhor não se lhe dá que a sua mulher fuja e não volte? – «Não, senhor doutor, que a leve o diabo; o que eu quero é o meu dinheiro.» – Pois querele de ambos e veremos depois. – «Mas não é certo receber eu o meu dinheiro?!» – Certo não é: veremos se, depois de pronunciado, as autoridades administrativas capturam o ladrão com o seu dinheiro. – «E se ele o não tiver já?» – redargüiu o marido consternado. – Se o não tiver já, o senhor vingá-se na querela por adultério. – «E gasta-se alguma coisa?» – Gasta, sim; mas vingá-se. – «O que eu queria era o meu dinheiro, senhor doutor; a minha mulher deixá-la ir, que tem cinquenta anos.» – Cinquenta anos! – acudiu o doutor. – O senhor está vingado do amante. Vá para casa, deixe-se de querelas, que o mais desgraçado é ele.